

COLLEEN HOUCK

a maldição do tigre



*Para as Lindas na minha vida.
Uma me deu a motivação para escrever
e a outra me deu o tempo.
A ambas chamo irmã.*

SUMÁRIO



PRÓLOGO	A maldição	11
CAPÍTULO 1	Kelsey	15
CAPÍTULO 2	O circo	20
CAPÍTULO 3	O tigre	29
CAPÍTULO 4	O estranho	42
CAPÍTULO 5	O avião	55
CAPÍTULO 6	Mumbai	67
CAPÍTULO 7	A selva	74
CAPÍTULO 8	Uma explicação	83
CAPÍTULO 9	Um amigo	91
CAPÍTULO 10	Um refúgio	99
CAPÍTULO 11	A caverna de Kanheri	120
CAPÍTULO 12	A profecia de Durga	138
CAPÍTULO 13	Cachoeira	150
CAPÍTULO 14	Tigre, Tigre	163
CAPÍTULO 15	A caçada	177
CAPÍTULO 16	O sonho de Kelsey	192
CAPÍTULO 17	Um começo	205
CAPÍTULO 18	O templo de Durga	219

CAPÍTULO 19	Hampi	231
CAPÍTULO 20	Provações	245
CAPÍTULO 21	Kishkindha	258
CAPÍTULO 22	Fuga	277
CAPÍTULO 23	Seis horas	294
CAPÍTULO 24	Conclusões	313
EPÍLOGO	Sombra	342
AGRADECIMENTOS		343

O tigre

William Blake

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a furna noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?

Em que céu se foi forjar
o fogo do teu olhar?
Em que asas veio a chama?
Que mão colheu esta flama?

Que força fez retorcer
em nervos todo o teu ser?
E o som do teu coração
de aço, que cor, que ação?

Teu cérebro, quem o malha?
Que martelo? Que fornalha
o moldou? Que mão, que garra
seu terror mortal amarra?

Quando as lanças das estrelas
cortaram os céus, ao vê-las,
quem as fez sorriu talvez?
Quem fez a ovelha te fez?

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a furna noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?

PRÓLOGO



A maldição

O prisioneiro estava com as mãos amarradas diante do corpo, cansado, subjugado e imundo, mas com uma postura altiva digna de sua herança indiana real. Seu captor, Lokesh, olhava-o com desdém, sentado em um trono dourado, luxuosamente esculpido. Pilares brancos e altos erguiam-se como sentinelas em torno do salão. Nem sequer um murmúrio de brisa da selva passava pelas cortinas transparentes. Tudo o que o prisioneiro podia ouvir era o tilintar rítmico dos anéis ornados com pedras preciosas de Lokesh batendo na lateral do trono dourado. Lokesh olhava-o de cima, os olhos estreitados, insolentes e triunfantes.

O homem preso era o príncipe de um reino indiano chamado Mujulaain. Oficialmente, seu título atual era Príncipe e Sumo Protetor do Império de Mujulaain, mas ele ainda preferia pensar em si mesmo apenas como o filho de seu pai.

O fato de Lokesh, o rajá de um pequeno reino vizinho chamado Bhreenam, ter sequestrado o príncipe não era tão surpreendente quanto saber quem se encontrava sentado ao lado de Lokesh: Yesubai, a filha do rajá e noiva do prisioneiro, e o irmão mais jovem do príncipe, Kishan. O cativo estudou os três, mas somente Lokesh sustentou seu olhar determinado. Sob a camisa, o amuleto de pedra do príncipe repousava frio sobre sua pele, enquanto a ira percorria-lhe o corpo.

O prisioneiro falou primeiro, lutando para manter longe de sua voz o sentimento de traição:

- Por que meu futuro pai me trata com tamanha *falta de hospitalidade*? Indiferente, Lokesh fixou um sorriso deliberado em seu rosto.
- Meu caro príncipe, você tem algo que eu desejo.

– *Nada* que você pudesse querer justifica isto. Nossos reinos não estão prestes a se unir? Tudo o que tenho está à sua disposição. Você só precisava pedir. Por que fez isso?

Lokesh esfregou o maxilar, os olhos brilhando.

– Planos mudam. Parece que seu irmão gostaria de tomar minha filha como noiva. Ele me prometeu certas recompensas se eu o ajudar a alcançar esse objetivo.

O príncipe voltou sua atenção para Yesubai, que, com o rosto ruborizado, exibía uma pose submissa e recatada, com a cabeça baixa. Esperava-se que seu casamento arranjado com a moça desse início a uma era de paz entre os dois reinos. Ele estivera ausente pelos últimos quatro meses, supervisionando operações militares numa região distante, e deixara ao irmão a incumbência de cuidar do reino.

Então Kishan estava cuidando de outras coisas além do reino.

O prisioneiro avançou, destemido, encarou Lokesh e o desafiou:

– Você enganou a todos nós. É como uma cobra enrodilhada, escondida em um cesto esperando o momento de dar o bote.

Ele alargou o olhar para incluir o irmão e a noiva.

– Vocês não percebem? Suas ações libertaram a víbora e nós fomos picados. Seu veneno agora corre pelo nosso sangue, destruindo tudo.

Lokesh riu, desdenhoso, e falou:

– Se você concordar em entregar sua parte do Amuleto de Damon, talvez eu o deixe viver.

– Viver? Pensei que estivéssemos negociando minha noiva.

– Receio que seus direitos de noivo tenham sido usurpados. Talvez eu não tenha sido claro. Seu irmão terá Yesubai.

O prisioneiro cerrou o maxilar e disse apenas:

– Os exércitos do meu pai o destruirão se você me matar.

Lokesh riu.

– Ele não destruirá a nova família de Kishan. Nós vamos apaziguar seu querido pai e informá-lo de que você foi vítima de um infeliz acidente.

O homem afagou a barba curta e então esclareceu:

– Entenda que, mesmo que lhe permita viver, eu governarei *ambos* os reinos. – Lokesh sorriu. – Se me desafiar, serei obrigado a pegar sua parte do amuleto à força.

Kishan se inclinou na direção de Lokesh e protestou com firmeza:

– Pensei que tivéssemos um acordo. Eu só lhe trouxe meu irmão porque

você jurou que *não* o mataria! Apenas pegaria o amuleto.

Lokesh estendeu a mão rápido como uma cobra e agarrou o pulso de Kishan.

– A essa altura você já deveria ter aprendido que eu *pego* o que eu quiser. Se preferir a visão de onde seu irmão se encontra, ficarei feliz em satisfazê-lo.

Kishan se remexeu na cadeira, mas manteve-se calado.

Lokesh prosseguiu:

– Não quer? Muito bem, estou alterando nosso acordo anterior. Seu irmão *será* morto se não ceder aos meus desejos e *você* nunca se casará com minha filha, a menos que entregue sua parte do amuleto a mim também. Esse nosso acordo particular pode ser facilmente revogado e eu posso casar Yesubai com outro homem... um homem da *minha* escolha. Talvez um sultão velho lhe esfriasse o sangue. Se você quiser permanecer perto de Yesubai, terá que aprender a se submeter.

Lokesh comprimiu o pulso de Kishan até que ele estalou ruidosamente. Kishan não reagiu.

Flexionando os dedos e girando lentamente o pulso, Kishan se recostou, ergueu a mão para tocar o pedaço do amuleto, oculto sob sua camisa, e fez contato visual com o irmão. Uma mensagem silenciosa foi trocada entre eles.

Os irmãos lidariam um com o outro mais tarde, mas as atitudes de Lokesh significavam guerra e as necessidades do reino eram prioridade para ambos.

A obsessão subiu pelo pescoço de Lokesh, latejou em sua têmpera e se assentou atrás de seus olhos negros e peçonhentos. Aqueles mesmos olhos dissecaram o rosto do prisioneiro, sondando, avaliando-o em busca de fraqueza. Encolerizado, Lokesh pôs-se de pé num salto.

– Que assim seja!

Ele puxou de sua túnica uma reluzente faca de cabo adornado com pedras preciosas e rudemente arrancou a manga do casaco *jodhpuri* do prisioneiro, antes branco, mas agora imundo. As cordas se enroscaram em seus pulsos e ele grunhiu de dor quando Lokesh correu-lhe a faca pelo braço. O corte foi fundo o bastante para que o sangue afluísse, vertesse e pingasse no chão de ladrilhos.

Lokesh arrancou um talismã de madeira de seu pescoço e o colocou de baixo do braço do prisioneiro. O sangue gotejou da faca para o amuleto e o símbolo ali gravado fulgurou com um vermelho abrasador antes de pulsar com uma luz branca estranha.

A luz disparou na direção do príncipe com dedos tateantes que perfura-

ram seu peito e atravessaram-lhe todo o corpo, dilacerando-o. Embora fosse forte, ele não estava preparado para a dor. O prisioneiro gritou quando seu corpo de repente se inflamou com uma erupção que lhe queimava a pele. Ele desabou no chão.

Estendeu as mãos para se proteger, mas só conseguiu arranhar debilmente os ladrilhos brancos e frios do piso. O príncipe viu, indefeso, quando tanto Yesubai quanto seu irmão atacaram Lokesh, que empurrou ambos com violência. Yesubai caiu no chão, batendo a cabeça com força no tablado sobre o qual se achava o trono. O príncipe tinha consciência de que o irmão estava ali perto, tomado pela dor à medida que a vida se esvaía do corpo mole de Yesubai. Em seguida, não teve mais consciência de nada que não fosse a dor.



Kelsey

Eu me encontrava à beira de um precipício. Quer dizer, eu estava apenas na fila de uma agência de empregos temporários no Oregon, mas a sensação era a de me aproximar de um despenhadeiro. A infância, a escola e a ilusão de que a vida era boa e fácil tinham ficado para trás. À frente, o futuro se delineava: a faculdade, uma variedade de empregos de verão para custear os estudos e a alta probabilidade de uma vida solitária.

A fila avançava. Parecia que eu já estava esperando ali há horas, tentando garantir uma vaga para trabalhar durante o verão. Quando finalmente chegou a minha vez, aproximei-me da mesa de uma funcionária cansada e entediada, que falava ao telefone. A mulher fez um gesto para que eu me sentasse. Depois que ela desligou, entreguei-lhe alguns formulários e ela mecanicamente deu início à entrevista:

– Nome, por favor.

– Kelsey. Kelsey Hayes.

– Idade?

– Dezesete, quase 18. Meu aniversário está chegando.

Ela carimbou os formulários.

– Já completou o ensino médio?

– Já. A formatura foi há duas semanas. Pretendo estudar na Chemeketa no próximo semestre.

– Nome dos pais?

– Madison e Joshua Hayes, mas meus tutores são Sarah e Michael Neilson.

– Tutores?

Lá vamos nós outra vez, pensei. Por algum motivo, explicar a minha vida nunca ficava mais fácil.

– Sim. Meus pais estão... mortos. Morreram em um acidente de carro quando eu estava no primeiro ano do ensino médio.

Ela se inclinou sobre alguns papéis e escreveu por um longo tempo. Fiz uma careta, me perguntando o que ela poderia estar escrevendo.

– Srta. Hayes, gosta de animais?

– Claro. É... eu sei como alimentá-los... – *Existe alguém mais sem jeito do que eu? Ótima maneira de não conseguir um emprego.* Pigarreei. – Quero dizer, claro, eu adoro animais.

A mulher não pareceu nem um pouco interessada na minha resposta e me entregou o anúncio de um emprego.

**PRECISA-SE DE
TRABALHADOR TEMPORÁRIO PARA APENAS DUAS SEMANAS
ATRIBUIÇÕES: VENDA DE INGRESSOS,
ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS E
LIMPEZA DEPOIS DAS APRESENTAÇÕES.**

Observação: Como o tigre e os cães precisam
de cuidados 24 horas por dia, fornecemos
alojamento e refeições.

O emprego era no Circo Maurizio, um pequeno circo montado no parque de exposições. Eu me lembrei de que ganhara um cupom de desconto para ele no mercado e até havia pensado em me oferecer para levar os filhos dos meus pais adotivos, Rebecca, de 6 anos, e Samuel, de 4, para que Sarah e Mike tivessem algum tempo a sós. Mas acabei perdendo o cupom e esquecendo o assunto.

– E então: quer o emprego ou não? – perguntou a mulher, impaciente.

– Um tigre, é? Parece interessante! Tem elefantes também? Porque recolher cocô de elefante seria um pouco demais.

Ri baixinho de minha piada, mas a mulher não fez mais do que esboçar um sorriso sem graça. Como eu não tinha outras opções, disse a ela que aceitava. Ela me deu um cartão com um endereço e me instruiu a comparecer lá às seis da manhã.

– Eles precisam de mim às seis da manhã?

A funcionária simplesmente me olhou e gritou “Próximo!” para a fila atrás de mim.

No que eu fui me meter?, pensei enquanto entrava no carro emprestado

de Sarah e seguia para casa. Suspirei. *Podia ser pior. Eu poderia ter que fritar hambúrgueres. Circos são divertidos. Só espero que não haja elefantes.*

Eu gostava de morar com Sarah e Mike. Eles me davam muito mais liberdade do que os pais da maioria dos outros adolescentes e acho que existia um respeito saudável entre nós – pelo menos tanto quanto os adultos podem respeitar uma garota de 17 anos. Eu ajudava a cuidar das crianças e não me metia em confusão. Não era o mesmo que viver com meus pais, mas ainda éramos uma espécie de família.

Estacionei o carro com cuidado na garagem, entrei em casa e encontrei Sarah atacando uma tigela com uma colher de pau. Deixei a bolsa em uma cadeira e fui pegar um copo de água.

– Preparando biscoitos *vegan* outra vez? Qual é a ocasião especial? – perguntei.

Sarah enfiava a colher de pau na massa espessa sem parar, como se a colher fosse um furador de gelo.

– É a vez de Sammy levar o lanche para os amiguinhos.

Reprimi uma risada tossindo.

Ela me encarou, estreitando os olhos.

– Kelsey Hayes, só porque sua mãe fazia o melhor *cookie* do mundo não significa que eu não possa fazer um lanche decente.

– Não é da sua habilidade que eu duvido, é dos seus ingredientes – expliquei, pegando um jarro de água. – Leite de soja, linhaça, proteína em pó e agave. Fico surpresa de você não colocar papel reciclado nessas coisas. Cadê o chocolate?

– Às vezes eu uso alfarroba.

– Alfarroba não é chocolate. Tem gosto de giz marrom. Se é para fazer biscoitos, você devia tentar...

– Já sei. Já sei. Biscoito de abóbora com gotas de chocolate ou biscoito de chocolate com manteiga de amendoim. Essas coisas fazem muito mal, Kelsey – disse ela com um suspiro.

– Mas são *tão* gostosas.

Observei Sarah lambendo um dedo e continuei:

– Por falar nisso, consegui um emprego. Vou cuidar da limpeza e dar comida aos animais em um circo. Fica no parque de exposições.

– Que bom! Parece que vai ser uma ótima experiência – animou-se Sarah.

– Que tipo de animais vai alimentar?

– Cães, principalmente. E acho que tem um tigre. Mas não vou precisar fazer nada perigoso. Tenho certeza de que eles contratam profissionais para isso. O problema é que o turno começa supercedo, por isso dormirei lá pelas próximas duas semanas.

– Hum – Sarah fez uma pausa. – Bem, se precisar de nós, é só ligar. Você se importa de tirar a couve-de-bruxelas *a la* “papel reciclado” do forno?

Pousei a travessa fedorenta no centro da mesa enquanto ela colocava seu tabuleiro de biscoitos no forno e chamava as crianças para o jantar. Mike entrou, largou a pasta e beijou a mulher no rosto.

– Que cheiro é esse? – perguntou ele, desconfiado.

– Couve-de-bruxelas – respondi.

– E fiz biscoitos para os amiguinhos de Sammy – anunciou Sarah, orgulhosa. – Vou separar o melhor para você.

Mike me dirigiu um olhar de cumplicidade que Sarah não deixou passar. Ela o acertou na coxa com o pano de prato.

– Se você e Kelsey ficarem se comportando desse jeito, vão arrumar a cozinha.

– Ah, querida. Não fique zangada.

Ele tornou a beijar Sarah e a abraçou, fazendo o possível para se livrar da tarefa.

Achei que essa fosse minha deixa para sair. Enquanto eu escapava sorrateiramente da cozinha, ouvi Sarah dar uma risadinha.

Eu queria que um dia um cara tentasse se livrar da louça comigo da mesma forma, pensei e sorri.

Aparentemente, Mike negociou bem, pois ficou com a tarefa de pôr as crianças na cama em vez de arrumar a cozinha. A louça sobrou para mim. Eu não me importei, mas, assim que acabei, decidi que era hora de ir para a cama também. Seis da manhã era cedo demais.

Em silêncio, subi as escadas para o meu quarto. Era um espaço pequeno e aconchegante, com uma cama de solteiro, uma cômoda com espelho, uma mesa para o meu computador e para os deveres de casa, um armário, minhas roupas, meus livros, uma cesta de fitas de cabelo coloridas e a colcha de retalhos da minha avó.

Minha avó fez aquela colcha quando eu era pequena. Apesar de ser muito nova, eu me lembro de vê-la costurando os retalhos, sempre usando o dedal de metal. Tracei uma borboleta na colcha velha, puída nos cantos, recordando como eu havia roubado o dedal de sua caixa de costura uma noite só

para senti-la perto de mim. Embora eu já fosse adolescente, ainda dormia com aquela colcha todas as noites.

Coloquei o pijama, desfiz a trança do cabelo e o escovei, pensando em como mamãe costumava fazer isso para mim enquanto conversávamos.

Enfiei-me debaixo das cobertas quentes, acertei o alarme para, *argh*, 4h30 e me perguntei o que eu poderia fazer com um tigre tão cedo assim e como eu sobreviveria ao circo confuso que já era a minha vida. Meu estômago roncou.

Olhei na mesinha de cabeceira as duas fotografias que mantinha ali. Uma era de nós três: mamãe, papai e eu, no ano-novo. Eu tinha acabado de fazer 12 anos. Meus cabelos castanhos compridos haviam sido enrolados, mas na foto aparecem lambidos porque eu dera um ataque para não usar o laquê. Eu sorria, apesar do reluzente aparelho nos dentes. Agora me sentia grata pelos dentes brancos e alinhados, mas naquela época eu odiava aquele aparelho com todas as minhas forças.

Toquei o vidro, pousando o polegar na imagem do meu rosto pálido. Eu sempre sonhara em ser esbelta, bronzada, loura e de olhos azuis, mas tinha os mesmos olhos castanhos do meu pai e a tendência a engordar da minha mãe.

A outra era uma foto espontânea dos meus pais no dia do seu casamento. Via-se um lindo chafariz ao fundo, e eles eram jovens, felizes e sorriam um para o outro. Eu queria aquilo para mim um dia. Queria alguém que olhasse para mim daquela maneira.

Depois de virar de bruços e afofar o travesseiro debaixo da bochecha, adormeci pensando nos *cookies* da minha mãe.

Naquela noite, sonhei que estava sendo perseguida na selva e, quando me virei para olhar meu perseguidor, levei um susto ao ver um grande tigre. No sonho, eu ri e então me virei e corri mais depressa. O som de patas delicadas e macias me seguia, no mesmo ritmo do meu coração.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br